

LUSTOSA, ISABEL. *O JORNALISTA QUE IMAGINOU O BRASIL: TEMPO, VIDA E PENSAMENTO DE HIPÓLITO DA COSTA (1774-1823)* / (“*THE JOURNALIST THAT IMAGINED BRAZIL: THE TIME, THE LIFE, AND THE THOUGHT OF HIPÓLITO DA COSTA*”). CAMPINAS: EDITORA UNICAMP, 2019.

João Lisboa

Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Vice-Diretor do CHAM - Centro de Humanidades.

O título diz ao que vem. O livro de Isabel Lustosa é sobre um jornalista, Hipólito José da Costa, sobre o seu tempo e as suas ideias. Podemos lê-lo como uma biografia. Mas também podemos aí encontrar o retrato de algumas décadas durante as quais amadureceram as condições para a existência independente do Brasil. “Imaginar”, nesse sentido, não é ter um plano definido no caminho da independência, mas ir pensando, discutindo, brigando por uma comunidade diferente da que existia. Hipólito da Costa está no centro de muitas dessas discussões, argumentando, fornecendo informação, produzindo um tipo de jornalismo que até aí não existia, fazendo política como até aí não se fazia. Mais do que uma biografia, esse livro é sobre um tempo de grandes transformações, quando fazer um jornal se torna política, porque se trata de fazer circular opiniões, pontos de vista, e quando fazer política se torna também jornalismo, porque as discussões têm lugar num espaço amplo, neste caso intercontinental, fora dos salões da corte, dos palácios aristocráticos ou da correspondência diplomática.

Temos pois um livro sobre uma vida, com as suas viagens, a forma como viu os Estados Unidos da América quando lá esteve, entre 1798 e 1800; os episódios aventureiros, como o da fuga rocambolesca da prisão da Inquisição, em 1805, após 3 anos de prisão por ligações à maçonaria, e finalmente a sua longa estadia na Inglaterra. Entre o jovem que, nos Esta-

dos Unidos, descobre com um misto de perplexidade e admiração uma sociedade com liberdades que não conhecia, incluindo a possibilidade de alguns escravos libertos terem direito de cidadania, incluindo o voto, bem como a sua lamentável falta de etiqueta e de exigência social, e o homem maduro que, em Londres, aspira ao reconhecimento público e aos cargos que lhe correspondem, vai um longo caminho.

Temos também um livro sobre um tempo, a transição do século XVIII para o XIX, mas sobretudo as duas primeiras décadas deste novo século, as tensões e as guerras na Europa, as relações entre as potências europeias e os seus domínios coloniais, as mudanças sociais e económicas que então se viviam nos vários continentes, bem como o papel de alguns dos principais protagonistas desse tempo, com quem Hipólito se relacionou, dos irmãos Sousa Coutinho a José Bonifácio de Andrada e Silva. Entre uns e o outro, o leitor acompanha o tempo que vai das aspirações reformistas no império português ao processo independentista no Brasil.

E temos, finalmente, um livro sobre um pensamento que amadurece, num determinado perfil liberal oriundo de um ideário reformista. Hipólito da Costa desenvolve longamente aquilo que pensa não em volumes doutrinários, mas na presença pública regular que a imprensa periódica proporciona. Aliás, a questão da liberdade de imprensa é uma das que desde cedo o move, tendo ficado impressionado com

aquilo que conheceu na sua estadia nos Estados Unidos, e motivando um equívoco sobre até que ponto o pensamento reformista e as suas políticas em Portugal, nomeadamente através de Rodrigo de Sousa Coutinho, se podia abrir a uma concepção mais liberal no campo da imprensa. A ambiguidade e os equívocos são os do próprio tempo, embora a relação entre reformismo e liberalismo seja um tópico que o livro de Isabel Lustosa não aborda. O que é notório é o modo como se forma e evolui um pensamento, com as suas contradições, as suas tensões, em relação com as circunstâncias.

Hipólito da Costa é conhecido pelo jornal que manteve ao longo de mais de uma década, o *Correio Brasiliense*, seguindo persistentemente de Londres para Lisboa e para o Rio de Janeiro e destas cidades espalhando-se, muitas vezes não tanto pela leitura direta, mas pela repercussão, pelo comentário, pelo escândalo e pelo entusiasmo que poucas centenas de exemplares provocavam. Trata-se de um tipo de jornal que altera completamente os termos do que se conhecia como imprensa informativa. De carácter periódico (mensal) a longos trechos onde se alia informação e opinião. Acentua a imagem decadente e inútil das velhas gazetas.

Pode parecer hoje indiferente, mas no título está já contida uma reflexão sobre a comunidade a que o jornal dá voz. Hoje dizer brasiliense será um arcaísmo, equivalente ao que se designa por brasileiro.

Mas a escolha das palavras revelava aos leitores distinções de sentido já não perceptíveis. *Brasiliense* é aquele que descende de várias gerações de pessoas nascidas no Brasil, descendentes dos colonos chegados da Europa. *Brasiliano* será o nativo. *Brasileiro*, em contrapartida, é o metropolitano que regressa do Brasil após um determinado período de serviço nessa colônia. Ou seja, temos, nessas palavras, e na escolha do título, a distinção social típica das colônias e das suas hierarquias, nas Américas como no Oriente. Temos neste título uma amostra da história dos impérios e das tensões de identidades que dessa história decorreram. Daí que o Brasil que esse jornal e esse jornalista “imagina” é assumidamente o dos colonos de gerações sucessivas, mesmo se passa a maior parte da vida fora da terra natal, e não dos funcionários metropolitanos estacionados no Rio, nem das populações indígenas.

Esta questão da voz é significativa desde logo porque, no quadro da criação e expansão da imprensa liberal, na sequência das guerras napoleônicas e da transferência da Corte para o Brasil, há diferenças notórias entre os vários jornais, aquilo que defendem e representam, para além de questões relativas à personalidade ou feitio de quem escreve. Quando o jornal rival *O Padre Amaro* escreve, em 1820, que Hipólito é um “crioulo da Colônia do Sacramento” (p. 253), enriquecido por negócios pouco claros, é toda uma distinção social e uma visão do império que se revela.

As relações, amizades e ódios que acompanham a vida de Hipólito não estão, pois, desligadas das opiniões que defende e do modo como pensa a sociedade e as opções para o Brasil e para Portugal. Alguns dos grandes debates em que se envolve são prova disso, como no caso das relações com a Inglaterra, a abertura dos portos brasileiros a navios ingleses, a questão dos monopólios comerciais, os problemas relacionados com a abolição da escravidão e, finalmente, o modelo constitucional para o novo reino. Estamos diante de um liberal moderado, sempre defensor do rei e dos seus poderes, para quem a independência do Brasil não é imaginada senão no último momento, quando confrontado com a impossibilidade de os liberais radicais de Lisboa compreenderem que as autonomias conquistadas pelos cidadãos no Brasil não eram reversíveis, a começar pelos campos da justiça e do ensino.

Regressando às primeiras discussões, Hipólito tinha de ser favorável à abertura dos portos do Brasil até pela sua própria experiência quando tentou enviar, sem êxito, exemplares de plantas e insetos dos Estados Unidos para o Brasil. Mas é sensível também à sobrançeria britânica e ao desequilíbrio nas relações entre países. Tem simpatia pelo governo e economia da Inglaterra, mas não pela diplomacia da humilhação. Debate-se entre o que admira e o que considera ameaçador.

Quando seguimos essas discussões, percebe-se como não existe apenas um corte entre liberais e absolutistas, mas várias perspectivas crescentemente conflituais entre liberais sobre as soluções políticas a adotar e sobre as solidariedades e inimizades que regulavam as opiniões. Esta é justamente uma das principais matérias de que se tece o livro de Isabel Lustosa. Sobre alguns desses jornais concorrentes há muito trabalho feito.<sup>1</sup> Compreende-se bem, no caso da abertura dos portos brasileiros, a tensão entre os interesses das cidades metropolitanas e as brasileiras. Noutros casos as divisões são de outra natureza. Enquanto o *Investigador Português* denunciava violentamente escritos e posições contra a generalização das vacinas, o *Correio* é mais discreto, pelas ligações entre Hipólito e o autor desse folheto e ao papel que este teria tido na garantia de apoio por parte do príncipe regente a este jornal. Quanto à questão do tráfico negreiro, a despeito das posições genericamente abolicionistas dos intelectuais liberais em Londres, considerando a escravidão “contrária aos princípios do direito natural e da constituição moral do homem” (p. 160), as relações entre Hipólito e alguns grandes

---

1 Para algumas referências sobre três dos mais conhecidos e que interagem com o *Correio Brasiliense*, ver Machado, A.V., *A Importância de se chamar Português. José Liberato Freire de Carvalho na direcção do Investigador Português em Inglaterra, 1814-1819*, Caniçais, Lema d’Origem, 2019. Alves, J.S., *Ideologia e política na imprensa do exílio. “O Portuguez” (1814-1826)*, Lisboa, INIC, 1992 (repub. Lisboa, INCM, 2005). Castro, Z.O., “História e tradição. O liberalismo de *O Padre Amaro*”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº8, 1995, pp.63-76.

comerciantes brasileiros leva-o a ter posições que se apresentam como realistas ou moderadas como quando, em 1822, em carta a José Bonifácio de Andrada e Silva, sugere que se argumente que a abolição repentina é impraticável e que, atingindo a essência da “propriedade de todos os homens influentes do Brasil”, tal medida isolaria o governo (p. 242). Percebemos, pois, no livro de Isabel Lustosa, a teia de relações e de compromissos a que Hipólito está ligado e ficamos a conhecer as suspeitas e as acusações que lhe fizeram.

Estamos, pois, perante um relato não romântico de uma personagem relevante da História brasileira e da História portuguesa, por vezes mostrando algum entusiasmo, mas em geral equilibrado. E não é necessário saber que Isabel Lustosa tem muito trabalho publicado neste domínio para dar credibilidade a uma narrativa bem informada (incluindo com recurso a fontes digitais) e adotando um registo claro de escrita, acessível à generalidade dos leitores, e não apenas aqueles que querem ler todas as notas de rodapé.<sup>2</sup>

---

2 Para além da longa série de referências que o livro apresenta, ler ainda, de J. P. R. Ferreira, *O jornalismo na emigração. Ideologia e política no Correio Braziliense (1808-1822)*, Lisboa, INIC, 1992.



## Referências

LUSTOSA, Isabel. *O Jornalista que Imaginou o Brasil: tempo, vida e pensamento de hipólito da costa (1774-1823)* / (“*The Journalist that imagined Brazil: The Time, the life, and the thought of Hipólito da Costa*”). Campinas: Editora Unicamp, 2019, pp. 208.